

2.41FH H.
86-2

GAZETA LITERARIA,

OU
NOTICIA EXACTA
DOS

PRINCIPAES ESCRIPTOS MODERNOS,
Confórme a Analysis, que delles fazem os melhores Cri-
ticos, e Diaristas da Europa.

Obra periodica para o anno de 1761.

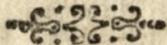
De que he Protector

O EXCELLENTISSIMO SENHOR
JOAM DE ALMADA
E MELLO,

*Governador General da Cidade do Porto, do seu Partido,
e de toda a marinha da Beira Baixa, &c. &c. &c.*

VOLUME PRIMEIRO.

POR
FRANCISCO BERNARDO DE LIMA;



PORTO: Na Officina de FRANCISCO MENDES LIMA;
M. DCC. LXI.

Com todas as licenças necessarias.

Vende-se no *Porto* em Casa do Capitão Mancel Pedroso Co-
imbra na rua dos Mercadores: Em *Lisboa* em Casa de Claudio
du Beux ás pórtas de Santa Catharina: Em *Coimbra* em Casa de
Joam Jozé du Beux no largo de S. João do Bispo.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
JOAM DE ALMADA
E MELLO,

Governador General da Cidade do Porto, do seu Partido,
e da marinha Beira baixa, &c. &c. &c.

HUMA Obra, que se dirige a correr pelas
diversas regioens do Orbe literario, feliz-
mente alcançará este fim, levando na frente o egregio
nome de V. Excellencia, que servindo-lhe de lustre a
fará para com todos mais recomendavel. A Nobreza
da elevada ascendencia de V. Excellencia, o luzimento
dos seus brilhantes titulos, a gloriosa eleição, que dos
seus talentos fez hum Rey illuminado para o exito de
empresas criticas, e difficis, condecóraõ, e não menos
honraõ esta Obra, conseguindo ella aos olhos popula-
res huma protecção famosa, e segura.

Mas, Excellentissimo Senhor, este não he o fim;
que me propuz: tive ainda outro incentivo, que faz
mais honroso o meu Sacrificio por que o fará mais agra-
davel á consideraçãõ de Sabios. Aquelles lustres que
adornaõ a pessoa de V. Excellencia por alguma parte

vieraõ da fortuna ; mas os que mais activamente me instigáraõ só de V. Excellencia dependem. Todos os lustres fazem os heroes respeitados ; mas se os que são exteriores alcançaõ as veneraçoes do povo , os que são internos obtem a reverencia ainda dos mais circunspectos.

Considerem a V. Excellencia despido dos esplendores externos ; entaõ he que se conhece o quanto V. Excellencia he intrinsecamente respeitavel. A humanidade fecunda Mãy de todas as virtudes beneficis , fôrma o principal caracther da sua illustre alma. Acompanhada de hum juizo solido sabe até onde há de estender os beneficios, sem prejudicar as obrigaçoens dos seus cargos, ao mesmo tempo , que estas são por V. Excellencia observadas sem contaminar a pureza daquellas virtudes.

Daqui vem a indefectivel vigilancia que V. Excellencia emprega no serviço do Fidelissimo REY nosso Senhor , e quando mais religiosamente com elle cumpre, entaõ mais se lembra da sua benignidade ; discorrendo justamente, que estas são as intençaens de hum REY benefico e Pai da Patria. Nas nossas historias se encontra algum Heroe , que ficou mal com os homens por amor do Rey, e com o Rey por amor dos homens: de V. Excellencia se há de contar, que soube agradar ao Rey sem desagradar aos homens.

Naõ fallo daquelles homens, que julgando-se superiores á vulgaridade envejaõ aos heroes os lustres sem tratar de os imitar nos merecimentos ; mas sim daquelles,

les, que Deos fez verdadeiramente superiores por huma razão esclarecida, em cuja balança se pezaõ escrupulosamente os proprios quilates de cada hum. Estude a inveja em como mostrará alguma occasião em que V. Excellencia se esquecesse ou do que deve ao Monarca, ou do quanto sabe favorecer aos homens: verá ella, que não pôde mostra-la, e nem ainda falsamente compo-la; por que os intrinsecos dotes de V. Excellencia são tão palpaveis, quenaõ he preciso, que a reflexão forceje para os conhecer; são tam brilhantes, que pela sensação nelles adverte o mais pequeno do povo em que haja algum escasso lume da razão.

Onde mais sensivelmente apparece este lustre por ser continuo he no governo das Tropas, que a V. Excellencia estão comettidas. A disciplina se guarda rigorosamente; e não há militar punido, que cuide ter causa de maldizer do castigo. Os favores se concedem; e ninguem os censura, por que circulam dentro dos limites, que lhes dão os reglamentos, e a disciplina. O Soldado descança, mas só aquelle tempo, que lhe não he necessario para servir o Soberano, e para cultivar a Arte da Guerra. Nesta os faz V. Excellencia exercitar usando daquelle grande conhecimento Theorico, que tem da sciencia militar. Nas suas Tropas se admira a dexteridade, que o Governador lhes infunde; mas bem desejava eu poder fazer publicas aquellas Reflexoens, que V. Excellencia tem escripto, para

para que eu podesse com ellas: não só mostrar em V. Excellencia hum perfeito General, mas também honrar esta Gazeta literaria, incorporando entre os extractos dos Autores sabios, o de hum Autor illustre, e excelso.

V. Excellencia não limita aqui os seus conhecimentos; dilata-os por todas as Sciencias, e bellas Artes, que são precisas para alcançar hum discernimento delicado, e solido. Sem ambicionar o luzimento de erudito, estuda e reflecte, colhendo o mais precioso fructo das letras; aperfeiçoar o seu coração, illustrar o seu entendimento. Deixo a outros o discorrerem nos mais lustres, que ornaõ a V. Excellencia, cuja narraçãõ não cabe nesta Epistola dedicatoria talvez já bem extensa para a moderaçãõ do seu genio; e ficando na consideraçãõ de hum coração perfeito, e de hum juizo illustrado, que em V. Excellencia se encontraõ, mostro ao mundo literario hum superabundante motivo para a eleição de tam illustre Patrono, quando não bastasse o affecto, que tudo o que me pertence tem felizmente experimentado em V. Excellencia.

DE V. EXCELLENCIA

O mais obsequioso, e reverente Criado.

FRANCISCO BERNARDO DE LIMA.

LICENC,AS DO S^{TO}. OFFICIO.

O Padre M. Dr. Fr. Francisco de S. Bento, Qualificador do Santo Officio veja o livro , que se apresenta , e informe com seu parecer. Lisboa 5. de Maio de 1761.

Trigoso. Carvalho. Mello.

Excelentissimos e Reverendissimos Senhores.

A Gazeta literaria que quer mandar imprimir Francisco Bernardo de Lima , naõ contem cousa alguma contra a fé e bons costumes. Lisboa 27. de Maio de 1761.

Fr. Francisco de S. Bento.

Vista a informaçãõ, pôde-se imprimir a obra, de que se tracta , e depois voltará conferida para se dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa 29. de Maio de 1761.

Trigoso. Carvalho.

DO ORDINARIO.

O Reverendo P. M. Preposito da Congregaçaõ do Oratorio veja a obra junta intitulada Gazeta literaria , e com o seu parecer torne.

Santo Thomáz.

Reverendissimo Senhor Padre Mestre Provisor.

MAnda-me V. Reverendissima dár o meu parecer sobre o primeiro volume da obra Gazeta literaria ; e sendo os preceitos de V. Reverendissima em todo o tempo dignos da mais rendida, prompta e respeitoza obediencia, neste foi grandissimo o gosto que experimentei ; porque lendo esta nova idéa de escriptos, intençãõ que foi sempre de grande utilidade nas mais naçoens, achei que seu Author , cuja erudiçãõ sagrada já era notoria , agora extendendo-se ao larguissimo campo das bellas letras naõ para exaltaçãõ propria dava á luz pu-

blica, mas em utilidade cõmua, esta obra. Ella desde o primeiro periodo até o ultimo conserva huma locução naturalissima, hum estilo puro, abundante e vivo. Elle zelada bem a justiça, decencia e caridade, affectos não vulgares em similhante genero de escriptos, especialmente na Hespanha, separando com doudas e bem lembradas reflexoens o ouro das fezes, faz aparecer os Auctores e suas doutrinas nos lugares e com o esplendor que lhes são devidos, analyse importantissima, para que todos os curiosos melhor evitem o impertinente trabalho de lerem por muitos, muito grandes e muito máus livros. Agora se principiarão já a encher de esperança de resuscitarem a nova vida as cinzas dos nossos Estacios, Refendes, Cardozos, Cabedos, Leitoens, Barros, Soufas, Britos, Ribeiros, Vieiras, Bernardes, Mirandas, Lobos, Ferreiras, e de muitos outros, recebendo huma nova alma porque se faça conhecer os seus merecimentos, o muito que acreditarão a literatura Portugueza e o quanto são dignos do nosso amor, respeito, saudade e imitação; e quanta não será a sua gratidão por esta lembrança? Ultimamente para de huma vez dizer o que sinto, esta obra não encontra a fé e Constituições do Bispado, respira Religião pura, caridade discreta, e justiça moderada: razão he que se imprima. Este o meu parecer. V. Reverendissima determinará o que for servido. Porto e Congregação do Oratorio 9. de Abril de 1761.

Antonio Fozé.

PO'de imprimir-se precedendo as mais diligencias necessarias. Porto 15. de Maio de 1761.

Santo Thomáz.

DO

DO PACO.

O Abbade Diogo Barbosa Machado da Academia Real veja este papel, e pondo nelle o seu parecer, o remeta a esta Mesa. Lisboa 4. de Junho de 1761.

Com quatro Rubricas.

SENHOR.

O Auctor desta obra he merecedor de applauso universal por alcançar o privilegio de ser o primeiro que neste genero de estudo sahio em Portugal, do qual gloriosamente se jactavaõ França, Hespanha, Inglaterra, Italia, e Holanda. Nella se admira ser seu Auctor igualmente perito nas lingoas mais polidas da Europa, como judicioso no exame e extracção dos Auctores, que elegeu para assumpto da sua penna. De igual ou maior applauso se faz acredor o seu grande talento, quando interessado nas glorias da sua nação defende vigorosamente as obras dos nossos Auctores accusados pela petulante mordacidade de alguns modernos Aristarchos, que inutilmente forcejaõ despojalos daquella veneração, com que os immortalizou a veneravel ancienidade de muitos seculos. Este he o meu parecer, que será judicioso, se merecer o beneplacito de V. Magestade. Lisboa 10. de Junho de 1761.

Diogo Barboza Machado.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio e Ordinario e depois de impresso tornará à Mesa conferido para se taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 16. de Junho de 1761.

Carvalho. Emaús. Velho. Castello.

DO PAGO

... e pondo nelle o seu pacer, e remeta
... de Junho de 1761.

Com vras Reuerencia

SENHOR

... de Junho de 1761.

Diego F. ...

... de Junho de 1761.

GAZETA LITERARIA.

Julho de 1761.

DISCURSO PRELIMINAR.

O GOSTO das artes , e sciencias , que neste seculo se tem felizmente propagado por todas as nações civilizadas, produz tal variedade de novas idéas, e de composições igualmente solidas , e frivolas , que parece impossivel conhecer ainda imperfeitamente todos os assumptos, de que trataõ , ou ainda fazer juizo sem huma noticia regular , e methodica daquellas, cujos Authores aspiraõ ao sublime lustre da reputação literaria , e querem na República das letras hum lugar distincto dos Escriptores vulgares.

Aquella racionavel tolerancia dos Soberanos , e Governos sabios a respeito de todo o genero de producções literarias , que não tendem a destruir os dogmas , e maximas estabelecidas da Religião, e do Estado, sendo causa de se universalizarem as letras, e de se multiplicarem os escriptos, he filha da mais sabia politica pelos beneficos effectos , que della resultaõ para o bem geral da humanidade. Sendo o primario objecto desta unicamente o de civilizar os povos com as letras para por meio dellas conhecerem o interesse da propria conservação inseparavel da do Estado, e Governo, em que nasceraõ, segue-se daqui o adiantarem-se as letras de fórte, que pôdem deixar escurecidas todas as obras dos seculos, que nos precedêrão.

Para

Gazeta literaria.

Para isto co-opera não menos, do que aquella liberdade e patrocínio, e favor dos grandes Reis para os homens sábios; porque excitada a emulação na maior parte dos individuos dos seus Estados, vem-se os talentos ordinarios elevar-se acima da sua esfera, e igualar-se aos maiores homens por huma serie, e continuada applicação; apparecem novos descobrimentos nas sciencias, e artes de pura utilidade; e nas de gosto pertende-se emular as inimitaveis belezas da antiga Grecia, e Roma. Os mais favorecidos da natureza, e arte dignão-se escrever sobre os assumptos mais communs muitas vezes pela util vangloria de os tratar com mais profundidade, e delicadeza, do que os escriptores, que elles julgaõ seus inferiores, resultando do agrado, e clareza dos seus escriptos fazer-se utilmente estudiosa aquella classe de povo, que geralmente nos Paizes menos civilizados se condemnaõ a huma total ignorancia por falta de livros adaptados á sua comprehensão; multiplicar-se todo o genero de composicoens assim optimas, como mediocres, e infimas, que concorrem, se não a cultivar o juizo do povo, ao menos a dár-lhe huma especie de occupação mental, inspirar-lhe alguma inclinação ás letras, não havendo composição alguma, que não pertenda ao menos por este titulo hum lugar decoroso entre as melhores obras de utilidade, de recreio, ou de bom gosto.

No meio desta multiplicidade de escriptos vacila a nossa curiosidade, excita-se pelo nobre dezejo de fazer rapidamente idéa das obras dos grandes homens, e desanima-se pela impossibilidade de a fazer perfeitamente. Avida he tão breve, e os nossos conhecimentos tão limitados, que não se póde esperar de hum só homem, que dê huma razaõ sólida de todos os livros, e de todas as materias; para isto necessitava-se de hum homem não só enciclopedico, mas superior às forças vulgares, o qual não existe, nem provavelmente existirá no mundo. Não basta ser versado, ou ainda eminente nesta, ou naquella arte, ou sciencia, na Theologia, na Jurisprudencia, na Politica, nas

Ma-

Fulho de 1761.

Mathematicas , na História natural , ou civil ; na Eloquencia , na Poesia , &c. para poder fazer hum juizo seguro em toda a literatura : cada huma daquellas occupa muitas vezes a vida de hum homem de talento mais que ordinario. Para se decidir do merecimento das obras dos grandes homens he necessario saber fundamentalmente , e fazer-se senhor das materias, de que ellas trataõ , e conhecer perfeitamente as lingoas , em que estaõ escriptas. Requer-se além disto não só juizo combinativo, reflexivo, e critico, mas tambem imparcialidade, equidade, moderação, censura, e louvor; e parecendo estas ultimas qualidades as mais facis na Theoria , são na praxe as mais difficis ou pelas differentes paixões, ou pelas differenças do gosto, ou pela diversidade dos discursos.

Os projectos mais sólidos desvanecem-se frequentemente; mas o dezejo de ser util á patria anima o verdadeiro Patriota á execuçaõ das mais arduas emprezas; e sendo huma destas o pertender enriquece-la com o conhecimento das principaes obras literarias da Europa , he a execuçam della tanto mais desculpavel , quanto mais difficil. Esta consideraçam , e aquella especie de gloria , que resulta de ser o primeiro , que praticasse em Portugal este novo genero de composiçam , e o que na Europa fizesse hũa especie de Diario escolhido daquelles escriptos mais atendeveis , ou pela utilidade , ou pelo estilo, ou pela novidade , ou pela fama , que tem , aplanáram de alguma sorte estes obstáculos , que primeiramente pareciaõ invenciveis.

Parece , que huma sociedade de homens de letras poderia fatisfazer cabalmente a este importante objecto, mas além da difficuldade de achar homens taõ eminentes nas suas faculdades , que possam ser arbitros do merecimento dos grandes Escriptores, he impraticavel pertender traduzir de tantas linguas todas as obras muitas vezes volumosas, que todos os dias se publicam , para que esta sociedade deesse depois o seu parecer, ou juizo critico, o que gastaria tempo infinito, e com o
risco

Gazeta literaria.

risco de não ser examinadas com aquella candidez, critica, methodo, e exactidam, que merecem. Com tudo nasceu daqui a idéa de naturalizar-mos, e transferir-mos ao nosso paiz o melhor, que discorrem os homens doutos sobre este assumpto, extrahindo-o dos melhores livros, e escriptos periodicos das naçoens, que tem feito maiores progressos na literatura.

O fim deste projecto he dár a conhecer a Portugal os melhores livros, ou ao menos as composições modernas de maior fama; e que importa, que devamos este beneficio a hum Alemam, a hum Francez, a hum Holandez, a hum Inglez, ou a hum Italiano? Hum Estrangeiro, que nos he util, deve ser nosso compatriota, assim como o he de todo o mundo o homem sabio. Com tudo isto seria indisciplpavel não querer distinguir aquellas obras, que dão melhor idéa de hum livro, que louvaõ, o que se lhe deve louvar, e que censuram o que he digno de censura, daquellas, em que muitas vezes reina a parcialidade, ou pouco conhecimento das materias.

Supposto isto, não nos fiamos só na fama, e credito estabelecido de algumas composições periodicas, conferimos muitas vezes os axtractos com os originaes naquelles assumptos, em que nos parece ter algum conhecimento, ou algum direito de poder decidir para discernir por este modo, o quanto he bem, ou mal fundada aquella fama, ou se nos devemos sujeitar, ou desviar, do que discorrem os seus Authores. Não basta dizer-se, que os Diarios mais acreditados se devem preferir ás obras periodicas de menor nome; parece-nos, que depois de combinar as diversas opinioens dos criticos devemos escolher as melhores, ou ao menos as que nos parecem taes, preferindo muitas vezes o bem, que differ hum Inglez de hũa obra Franceza, ou hum Francez de huma obra Ingleza; pois nam he verosimil, que em cada hum destes reine a parcialidade tão fortemente, como em hum nacional. Quando a maior parte dos Diarios de naçoens differentes concordão em elogiar huma obra moderna, he esta approvaçam final quasi infalivel da

Julho de 1761.

da bondade della , e assim parece justo , que escolhamos por preferencia o extracto , que dê melhor idéa da obra.

O melhor meio de dár a conhecer hum livro he fazer delle hũa Analyfis, em que se siga sempre a mente do Author, expondo as principaes razoens , em que se funda , e as idéas fundamentaes da obra, ligando os pensamentos, de que se compoem, e seguindo a serie, e continuacão delles com a mesma ordem , que no original , encadeando os principios ás consequencias, não omitindo algum dos factos mais importantes, e das reflexoens mais interessantes, em fim reduzindo a substancia de hum extenso original a hum breve extracto , cuja arte consistirá em conservar a graça , e rasgos da obra extrahida , unindo-os, e abreviando-os sem os desfigurar, nem confundir, assim como em huma pequena estampa a copia de huma grande pintura. Algũas vezes he necessário transcrever certos lugares dos Authores para se conhecer o estylo, e modo de se exprimir, e estes devem ter mais lugar naquellas obras, que aliás excellentes não podem admitir hum extracto methodico. Nestas se representará o seu plano , e se dará hũa idéa summaria, que mostre, o que se deve procurar, e o melhor, que nelas se póde achar.

Os extractos , e reparos criticos sobre as obras Estrangeiras se deverãõ pela maior parte aos Authores Estrangeiros, ficando nos com a obrigaçãõ de os dispor de sorte , que se accomodem ás regras sobreditas, que sejaõ cousas novas para o commum dos Portuguezes , e que ao mesmo tempo excitent a sua curiosidade para se elevarem a mais altos conhecimentos. No que pertence a Portugal , irêmos publicando a seu turno algum extracto , ou dando a conhecer alguma composiçãõ ligeira , que ainda não esteja impressa , e que não obstante, seja digna da luz publica: sem pertender por ora dár huma completa idéa das letras em Portugal; não só porque he impossivel dár razaõ em tão pequeno volume de tudo , o que escrevem os Portuguezes, mas porque o uso de semelhantes

obras

Gazeta literaria.

obras periodicas, e de critica os faz demasiadamente sensiveis aqualquer exame das suas obras, que são ordinariamente elogiadas por termos verdadeiramente Asiaticos, confundindo-se muitas vezes o elogio de hum grande Author com o do escriptor da mais infima classe; de que resulta o pouco conceito, que se faz da nossa literatura na Europa.

As obras Portuguezas de maior nome, aindaque revestidas de belezas admiraveis, tem alguns pequenos defeitos, que não obstante ser dignos de censura, são louvados excessivamente por aquelles, que indifferentemente imitaõ dellas o pessimo, e o optimo. A delicadeza de alguns, que por não ser criticados, exclamaõ contra a critica, nos obriga a abster por algum tempo de dizer tudo, o que sentimos a respeito da nossa literatura, e dos nossos Authores, esperando, que se abataõ de todo aquellas preoccupaçoens, a que se accomodáraõ por dous seculos os entendimentos Portuguezes em obsequio dos depositarios das sciencias. As obras dos maiores engenhos não tem o privilegio de se isentar da critica; deve-se louvar, o que he bom, e censurar, o que he mau. As belezas, e os defeitos dos grandes Authores só farão maus copiadores; mas o conhecimento das regras e principios, porque se eleváraõ á excellencia literaria, será sempre o melhor meio de os igualar.

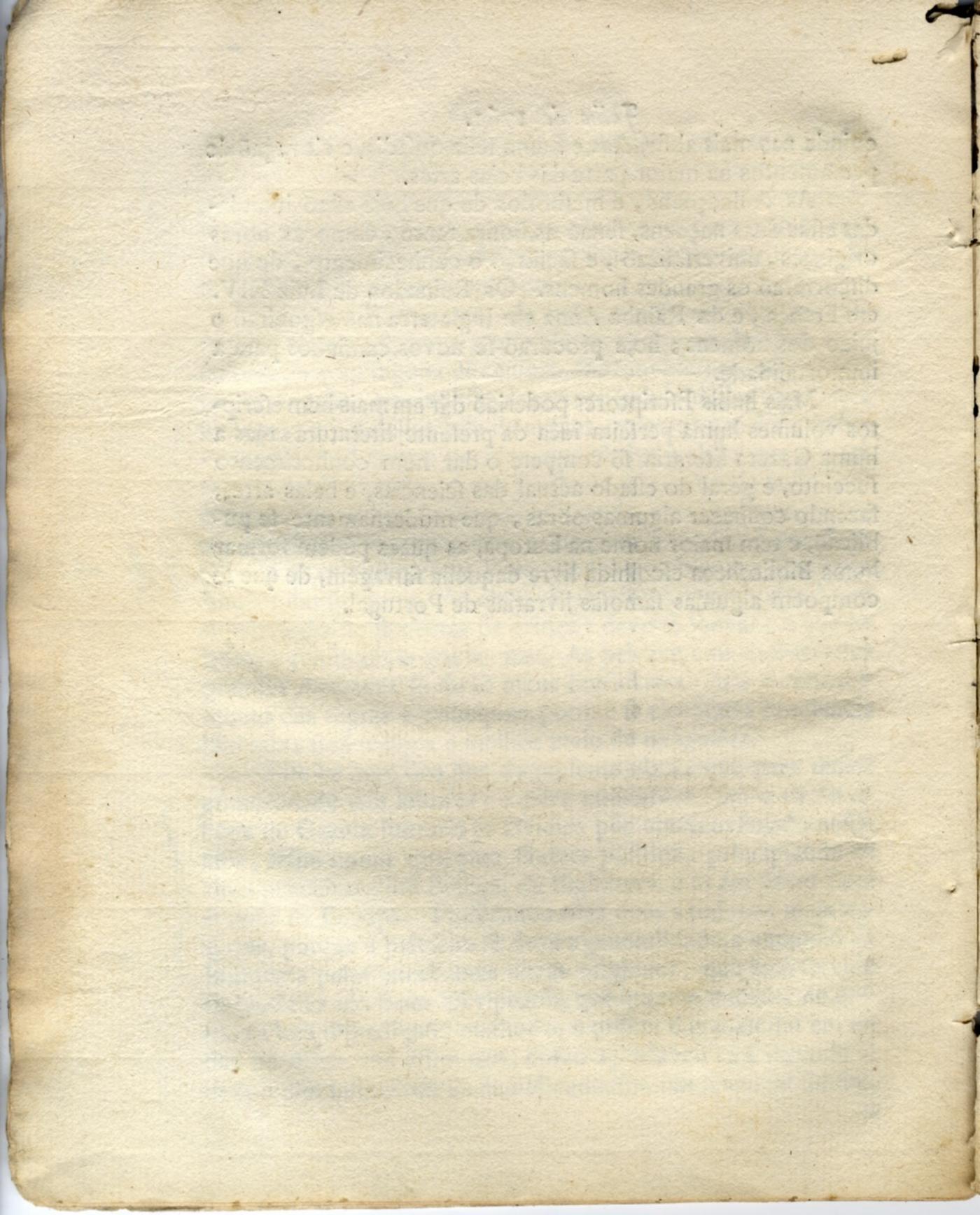
Este he hum dos fins da presente obra, que para maior comodidade dos leitores, e para concordar com o titulo da obra de *Gazeta literaria* se dividirá por numeros hebdomedarios, assim como qualquer *Gazeta politica*, principiando as duas primeiras com França, ou Inglaterra, e as seguintes com o resto da Europa. Preferimos estas duas a todas as mais naçoens, porque á primeira se deve a generalidade, e extensaõ da literatura pelas excellentes obras originaes, que tem servido de modello aos bons Escriptores, que querem exceder no gosto, na boa dispozição, methodo, e ordem das materias em todos os assumptos assim utis, como agradaveis; e á segunda se deve huma infinidade de descobrimentos nas sciencias sólidas,

Julho de 1761.

e ainda nas mais abstractas, e huma feliz ousadia, e elevação de pensamentos na maior parte das belas artes.

As collecçoens, e methodos de que hoje estaõ inundadas estas duas naçoens, senaõ as honra tanto, como as obras originaes, universalizaõ, e facilitaõ o conhecimento, do que discorrêraõ os grandes homens. Os Reinados de Luiz XIV. em França, e da Rainha Anna em Inglaterra não esgotáraõ o juizo dos homens; hoje procuraõ-se novos caminhos para a immortalidade.

Mais habis Escriptores poderiaõ dár em mais bem escriptos volumes huma perfeita idéa da presente literatura; mas a huma Gazeta literaria só compete o dár hum conhecimento succinto, e geral do estado actual das sciencias, e belas artes, fazendo conhecer algumas obras, que modernamente se publicaõ, e tem maior nome na Europa, as quaes pôdem formar huma Bibliotheca escolhida livre daquella farragem, de que se compoem algumas famosas livrarias de Portugal.



GAZETA LITERARIA.

Julho de 1761.

F R A N C A .

De l'origine des loix des Sciences, & des arts, & de leurs progrès
chez les anciens peuples; trois volumes in 4. A Pariz, chez
Desaint & Saillant,

Isto he

*Da origem das Leis, das Sciencias, e das Artes; e dos seus
pregressos nos antigos povos; tres volumes em 4. Pariz na
Officina de Saint, e Saillant, Mercadores de livros na rua
de S. Joaõ de Beauvais.*

QUando Deos creou o homem, gravou no seu coração
aquelles principios indeleveis de justiça, e equidade,
que nos fazem honrar a Divindade, respeitar a nossos
páis, querer a nossos filhos, amar os nossos semelhantes, e
sobre tudo não fazer aos outros, o que não queremos, que se
nos faça. Estas foram as primeiras leis, por que se governarão
os homens; mas conhecendo estes que taes leis, sendo fre-
quentemente obscurecidas pelas paixões, e fazendo-se inutilis
pela liberdade de as violar sem receio do castigo, não eram suf-
ficientes para conservar o repouso dos povos, e segurar a sua
tranquilidade, comprehendêrão, que o seu proprio intere se pe-
dia,

3
 dia, que não fossem senhores das suas paixões, e das suas extravagâncias, antes pelo contrario, que hum a porção da sociedade devia ser dependente da outra. Convencêrao-se as familias, quando se formárao em corpo de Estado, que deviao reconhecer hum arbitro commum, mas debaixo de certas condições, de que nascêrao as diferentes fórmãs de Governo, de que falla a historia. O mais antigo de todos, e o unico, que se conheceo em muitos seculos, foi o Monarquico. Os homens o estabelecêrao sem duvida conforme o modelo do governo paterno. A Regalia he com effeito humã imagem da authoridade, que os páis tinhao originariamente sobre seus filhos. A Coroa foi primeiramente electiva, e com ella se recompensavao os serviços feitos á sociedade; mas as desordens, que acompanhavao as eleições fizerao logo sentir o bem, que resultaria de a fazer hereditaria, e convierao todos, em que se fizesse succeder o filho ao poder, de que o pái estava revestido. Este uso foi seguido constantemente em todas as antigas Monarquias. Os primeiros Estados tiverao pouca extensaõ, porque humã Cidade compunha hum Reyno, e os seus habitantes hum povo; só muito tempo depois he que se viraõ formar aquelles poderosos Imperios, que comprehendiaõ muitas Provincias dilatadas. Bem se pôdem comparar estes antigos Soberanos aos Caziques da America, cuja authoridade a pouco mais se estende do que á guerra, e aos tratados de paz, e de aliança; mas insensivelmente as forças, e os direitos de todos os membros da sociedade se uníraõ em hum só, que teve todo o governo.

O primeiro fruto dos Governos foi o estabelecimento das Leis, que se chamaõ positivas. Não se conhecia naquelles tempos a arte de escrever; o meio mais geral, que se imaginou para supprir esta falta, era de compor em verso a historia dos factos, que se queriaõ conservar na memoria, e pôr estes versos em Musica. Parece muito verosimil, que os Legisladores usassem deste expediente com o fim de depositar, e fazer passar as suas ordenações, e regulamentos á posteridade. Assim se compunhaõ as Leis em versos, que se cantavaõ, costume, que se usou muito tempo em diversos povos.

A attençaõ dos Legisladores devia cuidar primeiro que tu-

tudo, como he verosimil, naquillo, que diz respeito ao interesse geral; e daqui nascêraõ as Leis politicas. O interesse dos particulares foi o segundo objecto dos Legisladores; e daqui resultáraõ as Leis civis. Poem o Author hũas, e outras debaixo de duas classes; as que convêm em geral a todos os pòvos, que vivem em sociedade, e as que sãõ proprias aos pòvos cultivadores. Entre as Leis da primeira classe deve-se pôr primeiramente a forma de hum culto publico para honrar a Divindade. „ A existencia de hum ente supremo, arbitro soberano „ de todas as cousas, e senhor absoluto de todos os successos, „ he, diz o Author, hũa das primeiras verdades, de que se sente „ movida, e affectada toda a creatura intelligente, que quer fazer „ uso da sua razaõ. Deste sentimento intimo he, que veio a „ idêa natural de recorrer nas calamidades ao Ente Omnipotente, „ de o invocar nos maiores perigos, e de procurar adquirir a sua „ benevolencia, e protecção por actos exteriores „ de submissãõ, e de respeito. O concurso destes actos he, o que „ forma aquillo, q̃ se chama culto publico. Bem se sente, quam „ pernicioso seria deixar a cada particular a liberdade de fazer „ hum ao seu arbitrio. Os primeiros Soberanos reguláraõ a ordem, e „ ceremonias delle: pois naquelles tempos antigos a pessoa dos Reis unia o Sacerdocio com o Sceptro.

O matrimonio teve sempre hũa influencia necessaria no repouso, e tranquillidade dos pòvos. O cuidado de regular as suas formalidades, e pervenir os seus abusos, foi depois do culto publico, o que occupou principalmente os Legisladores: daqui nascêraõ tantas leis nos pòvos antigos para favorecer os cazamentos, segurar a sua concordia, desterrar as suas desordens, e castigar a sua violaçaõ. Entre nõs he a mulher, a que dà o dote a seu marido, entre os pòvos antigos pelo contrario era o marido, o que dotava a mulher.

As Leis a respeito da propriedade devem-se tambem contar entre as Leis commuas a todos os pòvos. Naõ podiaõ estas deixar de ser multiplicadas entre pessoas, que naõ conhe-

4
ciaõ outros bens, fenaõ õs seus rebanhos, e alguns moveis de hum ufo necessario; mas eraõ mais numerosas entre os pòvos, que tinhaõ a vida de cultivadores. O direito de propriedade fez nascer o de successaõ. Parece, que nos primeiros tempos eraõ os pais senhores de regular, como quizessem, as partilhas das suas successoens; mas bem se conhece, que os mais velhos tinhaõ sempre certas prerogativas, como se prova por diferentes lugares da Escriptura.

A materia das convençoens era tambem hum objecto bem digno da attençaõ dos Legisladores: era necessario estabelecer o seu objecto, determinar a sua forma, e facilitar a sua prova. Primeiramente todos os actos, se passavaõ verbalmente, e a prova delles se fazia por testemunhas. Quando se principiou a pôr em ufo a escriptura, dispunhaõ-se mais ordinariamente por escripto; mas sem fruto se fariaõ as Leis, se naõ se estabelecessẽm Tribunaes, q̃ segurassem a execuçaõ dellas. Os primeiros Reis fõraõ os primeiros Juizes, e a administração da justiça o seu principal emprego. Por tẽpo, quando os seus Estados, fazendo-se mais dilatados, naõ lhes permitiraõ satisfazer por si mesmos esta obrigaçaõ importante, descansáraõ sobre pessoas sabias, e experimentadas, e por preferencia, empregáraõ nisto os Ministros da Religiãõ pela idêa, que se fazia em todos os tempos da sua capacidade, e da sua virtude. Os mais antigos monumentos nos ensinaõ, que nas portas das Cidades he, que se fazia a justiça, e se julgava.

Naõ se contentáraõ os homens de estabelecer Tribunaes destinados a procurar a execuçaõ das Leis; promulgáraõ-se castigos, contra os que as violassem: bem se pôde segurar, que as Leis penaes tem o primeiro lugar nos Codigos dos antigos pòvos. Naõ particulariza o Author estas fortes de Leis; só se contenta com observar, que geralmente eraõ severas; que a pena de Taliaõ he neste genero a mais antiga de todas; mas como dava lugar a muitos inconvenientes, e que algumas vezes se fazia impossivel, foraõ obrigados a recorrer a compensaço-

Fulho de 1761.

ens, e a imaginar castigos, que tivessem hum justa proporção com os crimes.

A Agricultura pelas suas dependencias produziu hum grande numero de Leis; e bem se póde dizer, que não há algũa no Codigo civil das naçoens, que não emane directa, ou indirectamente da Agricultura. Isto resulta das particularidades curiosas, em que o Author entra sobre esta materia.

Depois de ter mostrado em poucas palavras, o progresso dos diversos estabelecimentos, que concorrêrão a formar todos os corpos politicos, seria agora necessario considerar em particular os diferentes povos, e ver, qual era o seu estado, e a forma do seu governo. Poderiamos indicar a ordem, com que succedêrão os Reinos, e Imperios, que o Author expõem á vista dos seus leitores; mais isto he o accessorio do seu trabalho. A parte principal, isto he, a exposiçã das Leis proprias a cada nação não póde admittir analysis: contentemo-nos pois de fazer conhecer o modo, com que profegue esta materia.

A Asia he a primeira parte do mundo, que os homens habitáraõ; e tambem a parte, em que se achã os mais antigos governos. Não se conhecem Imperios mais antigos, que o dos Babilonios, e o dos Assirios; Nembrod lançou os fundamentos primeiro destes dous Imperios, e estabeleceo a capital em Babilonia quasi cento e cincoenta annos depois do diluvio. Quasi todos os Historiadores nos representaõ Nembrod, como hũ tirano, e hum usurpador, que deveo a sua grandeza á força, e á violencia. O Author não vê pelo contrario neste Príncipe, senão hum habil cassador elevado pelos seus compatriotas á dignidade suprema em reconhecimento dos serviços, que elle lhes fizera purgando a terra dos animaes ferózes, que a destruírãõ. Os dous Imperios dos Babilonios, e dos Assirios depois de ter durado separadamente por hum dilatado espaço de tempo, foraõ unidos por Nino, e formáraõ depois hũ só Estado. Este ultimo fõi governado por hũa serie de Reis, de quem a historia não conservou cousa algũa. Quando se extinguiu este grande

de Estado , formaraõ-se das suas reliquias outros tres Imperios, o dos Medas, o dos Babilonios, e o terceiro dos Assirios, até que em fim naõ formáraõ estes Imperios no tempo de Ciro, senaõ hum só, que se chamou depois o Imperio dos Persas, e que foi mais extenso, e mais formidavel, do que todos, os que até ali se tinhaõ visto. Tem o Author cuidado de notar estas revoluçoens, pelo que ellas produzirão no governo. Justifica Ninias filho, e successor de Nino da censura, que se lhe faz de estàr encerrado no seu Palacio unicamente para esconder ao publico os seus vicios, e as suas extravagancias. „ Como se „ pode, diz elle, conciliar tal idêa, com o que dizem todos os „ Historiadores, que este Principe pôz excellentes Generaes na „ frente dos seus Exercitos, Governadores experimentados nas „ Provincias, e Juizes rectos, e sabios nas Cidades? Se Ninias „ elevou hũ muro de separaçãõ entre elle, e os seus Vassallos, „ mostrando-se poucas vezes, foi , porque julgou inspirar-lhes „ com isto maior respeito ao seu Soberano. Esta politica reprovada pelo Author foi usada pelos Reis de Assiria successores de Ninias, e ainda hoje he seguida por todos os Soberanos do Oriente.

Entre os costumes proprios dos Assirios há hum sobre os matrimonios taõ singular , que he digno de se referir. Todos os annos se ajuntavaõ em hũ mesmo lugar todas as donzellas , que estavaõ em idade de ser cazadas ; o pregoeiro publico as punha a leilaõ hũas depois das outras. Os mais ricos Cidadãõs lançavaõ naquellas , cuja figura lhes parecia mais agradavel. Este dinheiro servia para cazar aquellas, que a natureza tinha feito taõ desgraçadas , que nenhũ homem as queria.

A Palestina, e visinhanças do Jordaõ foraõ tambem habitadas pouco tempo depois do diluvio , e ali se formáraõ muitos Estados pequenos. Mas se exceptuarmos os pòvos , que os Gregos conheciaõ pelo nome de Fenicios, apenas se faz mençaõ na Historia das outras naçoens da Palestina. Pelo decurso do tempo viéraõ os Hebreos a ser senhores desta terra, e o par-

particularizar suas leis feria materia muito extensa. O Author se limita a indicar as revoluçoens, que succedêraõ entre os Judeos no tempo, de que elle falla, e a dar a conhecer em poucas palavras o caracter daquelles, que os governáraõ.

A Asia menor nada offerece na primeira época; mas na segunda principiaõ a elevar-se nesta parte do mundo diversos Estados, em que a historia falla a cada passo, como saõ os dos Lidios, dos Troianos, e dos Frigios. O Author relata, o que as suas indigaçoens lhe ensinaraõ a respeito do Governo destas diferentes Monarquias; mas em geral confessa, que se conhecem pouco as leis, q̄ nellas se observavaõ.

Naõ se pôde dizer a mesma cousa do Egipto, por ser hum Paiz dos primeiros, que se policiáraõ, e de que temos maior numero de monumentos. Podemos dizer com o Author, que de todos os povos da antiguidade nenhũ nos deve interessar mais, que o dos Egipcios. Delles he, que por huma cadeia naõ interrompida receberaõ as naçoens da Europa os primeiros principios das leis, sciencias, e Artes. Os Gregos instruidos pelos Egipcios fizeraõ depois o mesmo serviço aos Romanos, os quaes nos passáraõ a seu tempo os conhecimentos, de que ainda hoje gozamos: naõ nos devemos pois admirar, de que os artigos desta obra, que tem por objecto os Egipcios, sejaõ ao mesmo tempo taõ extensos, e taõ fecundos. Aqui he, que principalmente sentimos naõ poder fazer huma digressaõ, ou demorarmo-nos sobre tantos estabelecimentos utis, tantas leis salutiferas, tantos projectos suggeridos por huma sólida politica, que estes artigos particularizaõ. O Author ao mesmo tempo, que dá os bem merecidos louvores a hũa naçaõ, que foi tida em todos os tempos por modelo de sabedoria, e de virtude naõ pertende justificar todas as suas maximas; censura o uso, em que estavaõ de fazer os officios hereditarios. Este costume, diz elle, naõ tendia, se naõ a inspirar a cada Cidadãõ hũa estimaçaõ exclusiva da sua profissaõ, e hum desprezo geral de todas as outras, dous sentimentos absolutamente incompativeis com a uniaõ, que deve reinar entre todos os membros de hũ mesmo Estado. Naõ poem no numero das Leis, que daõ honra aos Egipcios, a que pertencia aos ladroens. Ordenava-se lhes o alistar-se no seu principal, e levar logo a elle tudo, o q̄ tinhaõ roubado. Os que tinhaõ sido roubados, estavaõ certos de achar, o que se lhes tinha tirado, e logo se lhes restituia com tanto que deixassem a quarta parte. Desta sorte estavaõ os ladroens naõ sõ seguros de naõ ser castigados, mas até tinhaõ huma recompensa pelo seu delicto.

Os Gregos foraõ na Europa, o que os Egipcios foraõ na Africa. Sem embargo da pequenêz do territorio, que occupavaõ naõ, há povo, que representasse na historia hum papel mais brilhante. Mas feria erro grande regular o seu primeiro estado por aquelle, em que depois se acháraõ. Tanto se distinguiraõ nos seculos posteriores pelo seu Governo, e Leis, quanto foraõ barbaros, e grosseiros nos seus principios. Procura o Author conhecer a sua origem por entre as fabulas, que disfiguraõ os principios da sua historia, vai-os seguindo nos seus progressos, e notando os degraus, porque passáraõ, antes de chegar áquelle apice de grandeza, em que tanto tempo se mantiveraõ. Vé-se formar successivamente hũa multidaõ de Reinos pequenos, que se extinguem logo para dár lugar a outros novos, atéque por fim quasi todas as Cidades se erigem em Républicas. Athenas, e Lacedemonia tiveraõ sempre o primeiro lugar entre as Cidades da Grecia. O Author persuadido, que estudando-se a historia destas, se pôde conhecer o genio, e politica dos Gregos, se applica a expôr os principios do seu Governo, a examinar a força delle, e a dár a conhecer as differenças, que havia entre as maximas, que se seguiaõ em huma, e outra destas duas Républicas.

Como hum extracto naõ permite particularidades por mais interessantes, que sejaõ, basta expôr a recapitulaçaõ desta primeira parte, que servirá ao mesmo tempo de dár huma idéa do estilo do Author. Em todo o espaço, que temos corrido, naõ temos, senaõ idéas muito imperfeitas da grande arte de governar os Póvos. A maior parte das Leis Politicas, e Civis eraõ obscuras, defeituosas, e muitas vezes perniciosas, ou ridiculas; em huma palavra muito informes. O direito das Gentes naõ era conhecido, e a Moral era-o mui pouco, desôrte, q̃ algumas vezes authorizava principios, que conduziaõ aos maiores vicios. A respeito do sistema politico, que abraça hoje todo o universo, bem se pôde segurar, que os antigos naõ tinhaõ delle a menor idéa. Naõ havia entaõ potencia, que cuidasse em ter correspondencias nas diferentes partes do mundo conhecido. As mesmas alianças, que os Estados vizinhos podiaõ ter entre si, só eraõ momentaneas. Olhava-se ordinariamente só para o instante presente; e raras vezes se viaõ, e a profundavaõ as consequencias dos successos. Naõ se tinha feito plano universal de Politica; cada estado vivia sobre si, e fazia pouca attençaõ ao movimento geral da maquina. Naõ se costumava continuamente Embayxadores nas Cortes Estrangeiras. Os antigos naõ conheciaõ a utilidade desta especie de espias privilegiadas,

adas, que attentas ás menores acçoens estão em estado de penetrar os projectos, que pôde fórmar hũa Potencia inquieta, e descobrilos, &c.

O Author deste excellente livro he M. Goguet Conselheiro no Parlamento de Pariz morto há pouco tempo de idade de 42. annos, em que já podia ser considerado, como hum dos homens mais doutos do seu seculo. Toda a antiguidade se acha discutida na sua obra, mas discutida com sabedoria, e equidade. O seu estilo he simples, e sem affectação proporcionado ao merecimento das cousas, de que trata. Soube duvidar, quando era necessario, e não quiz por ostentação duvidar de tudo, julgando, que era gloria mais sólida estabelecer algumas verdades, de que mover, as que já estão estabelecidas. Tinha hum grande zelo da Religião, daqual falla no seu livro com hum respeito admiravel sem se esquecer, que he Magistrado, e Magistrado Christão. Em fim divisa-se na sua obra hum desejo excessivo, de que se honre a virtude, como tambem hum nobre affecto, e gosto de contribuir para o bem de toda a sociedade.

Tractandæ, ac perdiscendæ Theologiæ ratio. Parisiis e Typis Petri Prault. 1758. Isto he

Methodo de tratar, e aprender a Theologia em 12. pag. 228.

Os methodos, que modernamente se tem inventado para aplanar as difficuldades, tirar os embaraços, e diminuir o trabalho para chegar mais facilmente á perfeição das Artes, e das Sciencias tem-se multiplicado de sorte, que podem servir de embaraço aos estudiosos, que os querem ler, e estudar com a reflexão devida. Só a Theologia he a Sciencia, que até agora tem tido menos methodos para se aprender com mais facilidade. Nesta consideração resolveu-se o Author a publicar a presente obra, que divide em tres partes. Na primeira examina os princípios fundamentaes, donde se derivaõ as regras, e os preceitos, que formaõ o corpo da sciencia Theologica. A segunda comprehende estas regras particularizadas, dando a cada huma o lugar, que lhe convém. A terceira em fim serve de mostrar, o quanto se deve preferir este novo methodo a todos os antigos, e a responder a algúas objeçoens. Sigamos o modo, com que profegue o Author.

Primeiramente parte. Que cousa he Theologia sobrenatural a unica, de que aqui se trata? He, diz o Author, huma sciencia, cujo objecto he tratar, e conhecer as cousas reveladas, como reveladas. Não diz as cousas *sobrenaturaes*, porque há verdades conhecidas pelas

luzes da razaõ, que além d'isto são reveladas, e por isso do dominio da Theologia. Tal he a materia desta sciencia, e o campo, q̃ a bem de dizer, procura cultivar. Vejamos o modo. Todo o seu trabalho se reduz a quatro fortes de questões geraes, q̃ nunca se devem perder de vista, se quizer-mos comprehender o plano do Author. 1. Deos por ventura fallou aos homens? Há por ventura hũa revelaçãõ? 2. Que diz essa revelaçãõ? Isto he, quaes são os termos, e as expressões, de q̃ a Divindade se serviu para manifestar os seus Oraculos? 3. Qual he o verdadeiro sentido destes termos, e destas expressões? 4. Quaes são as verdades, q̃ se deduzem, como consequencias dos factos revelados?

Para resolver estas questões he necessario recorrer a alguns principios, e o Author entende por estes termos as asserções certas de que a Theologia se serve, como de fundamentos para elevar o seu edificio, ainda que não dê a razaõ dellas. Nisto he a Theologia, assim como as outras sciencias, que fallaõ de verdades, que não provaõ, porque se suppoem constantes, e já provadas por outra parte. A soluçãõ da primeira difficuldade sobre a existencia da revelaçãõ depende deste sillogifino. „ A Divindade nos falla realmente por hum homem, que diz ser mandado da sua parte; confirmando a sua missãõ por provas evidentes, e invenciveis. Este homem provou a verdade da sua missãõ &c. Logo &c. A maior deste sillogifino he certa, mas confôrme o Author pertence á Filosofia provar-nos a certeza della: Sim diz elle na pag. 25. Ao Filosofo he, que pertence ensinar-nos, porque signaes podemos conhecer infalivelmente a Divindade de huma missãõ. *Philosophi est ostendere, quibus indicis haberi possit exploratum, sincerus ne sit verusque Dei minister, qui sibi divinam, auctoritatem vindicat.* A menor do sillogifino pertence á historia, porque como se pôde saber de outra sorte, senãõ pelos monumentos historicos, que hum homem, que diz ser mandado por Deos, satisfez todas as condiçoens, que a Filosofia julga necessarias para confirmar a verdade da sua missãõ?

Decidido este ponto chegamo-nos á questãõ do segundo genero, que consiste em saber, qual he a palavra, que Deos proferio. Nisto tem ainda a Filosofia, e a Historia a honra de decidir; pois diz o nosso Theologo: ou os Oraculos do homem, que foi mandado por Deos, foraõ depositados nos escriptos, ou não o foraõ. O primeiro caso dá lugar a este discurso. „ Huma expressãõ he verdadeiramente do „ Ministro de Deos, quando ella lhe he attribuida em hũ livro composto por Authores veridicos, que se nos tem conservado até hoje in-
„ teiramente

teiramente, e sem interpolação. Esta, ou aquella palavra, ou expressão he attribuida &c. logo &c. Mas continua o Author: a primeira proposição deste fillogismo pertence á Filosofia, que nos deve ensinar as regras, porque podemos conhecer, a fidelidade, e veracidade de hum Escriptor, assim como, as que servem a confirmar a integridade de huma obra. A segunda pertence á Historia, pois só ella nos pôde ensinar a realidade das condições, que pede a Filosofia. No segundo caso devemos recorrer á Sociedade, que primeiro abraçou a doutrina do homẽ mandado por Deos, e saber, o que ella crê constantemente, ter sahido da sua boca. He claro, que nisto ainda tem lugar a Filosofia, e a Historia conforme as idéas do Author, depois do que se offerece a questaõ do terceiro genero.

Consiste esta em determinar, qual he o verdadeiro sentido da palavra reconhecida por Divina; e o Author offerece para isto tres meios, primeiramente a força dos termos, em segundo lugar a conexão da expressão, de que se trata, com o que precede, e se segue no texto; em fim o testemunho da sociedade, que logo nos principios adoptou adoutrina do verdadeiro Profeta. O primeiro meio ministra este discurso. „ O sentido da expressão Divina he aquelle, que „ os termos mostraõ naturalmente. Os termos mostraõ tal sentido &c. logo &c. A maior deste fillogismo, diz o Author, não pertence fallando propriamente a alguma sciencia particular, mas á razão commua. A menor pertence áquelle, que sabe a lingua original, ou ao menos aquella, em que o Oraculo Divino foi fielmente traduzido. Para fazer valer o segundo meio este he o modo, com que se deve discorrer. O sentido do Oraculo he aquelle, que resulta da conexão. Tal sentido resulta &c. logo &c. Não pertence a algũa sciencia particular, como diz o Author, discutir a verdade de cada proposição, só se quizermos recorrer á Filosofia: a razão natural he, a que geralmente se deve consultar. Pertence a ella tambem unida com a Historia fazer, que seja justo o discurso a respeito do terceiro meio: porque eis aqui ao que elle se redúz. „ O verdadeiro sentido do Oraculo Divino he aquelle, q̃ sempre foi dado ao Povo, que seguiu a „ doutrina do Profeta, mas tal he o sentido &c. logo &c. Não he por ventura a boa razão, que nos ensina, que ninguem pôde melhor saber a intenção do Ministro Divino, e conservar a lembrança delle, senão o Povo, que o ouviu? E como se pôde conhecer, o que sempre discorreu este Povo sem o socorro da Historia?

Não nos resta, senão a questaõ do quarto genero a respeito das

verdades, que são consequencias da revelação, e a qui se deve fazer huma distincão. Estas consequencias são deduzidas de duas permiffas ou igualmente reveladas, ou huma das quaes he revelada, e a outra conhecida pela razão. No primeiro caso basta a Theologia, mas no segundo há huma proposição, cuja certeza he fundada sobre as luzes da razão, sobre o convencimento do sentido intimo, ou sobre o testemunho dos sentidos exteriores.

Por esta analysi claramente se vê, que geralmente a Filosofia, e a Historia são as duas sciencias, que no sistema do Author devem preceder ao estudo da Theologia.

A segunda parte da obra contém muitas cousas, que confirmão a mesma idéa; e no que pertence á Historia, desfaz-se o Author em razoes para provar, que ella abraça a Cronologia, e a Geografia, como se podessemos duvidar, que estas duas sciencias são os olhos da primeira. No que pertence á Filosofia, quer, que ella se encarregue de provar a existencia de Deos, a espiritalidade, e immortalidade da alma, e tambem pretende, que ella deva determinar os caracteres certos, que distinguem o homem mandado por Deos, do que o não he, dizer, qual he a natureza, qual he o Author, e quaes são os signaes distinctivos dos verdadeiros milagres: em fim estabelecer a distincão do justo, e injusto, do vicio, e da virtude.

Se examinarmos de perto o sistema deste Author, verêmos, que a Theologia considerada conforme a sua definição se reduz a muito pouca cousa; porque se queremos, que se verifique, que hum tal homem, que diz ser mandado por Deos, o he verdadeiramente, he a Filosofia, aque nos há de dar os signaes certos, para nos não enganarmos. Se quizermos saber, se faz milagres, devemos recorrer á Filosofia para saber, se são verdadeiros, e revestidos do caracter da Omnipotencia. Se quizermos conhecer a integridade, authenticidade, e Divindade de hum texto, ou seu verdadeiro sentido, devemos hir buscar conforme o A. humas vezes a Filosofia, outras a Historia separadamente, e algumas vezes a ambas unidas. (A Igreja he a unica juiza de controversias; mas isto já se suppoem, como pôde perceber o leitor menos instruido.) Pois que resta á Theologia? Por ventura tirar conclusões dos pontos revelados? Mas acaso há muitas destas conclusões, que sejam demonstradas, e não entre tambem nisto a Filosofia, quando huma das premissas não he revelada? Quantas destas conclusões Theologicas ficam, conforme confessa o Author, na classe das probabilidades, e consequentemente não são dignas de ser decoradas

coradas com o nome de sciencia? He verdade, que tudo isto prova, que ao Theologo são necessarios os estudos da Filosofia, da Historia, da Cronologia, da Geografia, e podemos acrescentar hum conhecimento profundo das linguas, e das regras da critica, se bem o Author, não sei, porque razão, insiste tão pouco sobre estes dous pontos tão necessarios, como os outros. A Theologia, aquella sciencia sobrenatural, e Divina pede, e suppoem estudos, de que ella se distingue, conforme o nosso Author, o qual deixa poucas cousas proprias a esta sciencia. Na pag. 44. e 93. diz elle: Quando os Theologos procurão estabelecer por argumentos, repetidos mil vezes, a existencia de Deos, que devem suppor, como huma verdade demonstrada, pôde isto deixar de não provocar o riso, dos que ouvem semelhantes argumentos? O Author esqueceu-se, do que disse ao principio da sua obra, que o proprio da Theologia he não só conhecer, e provar a Divindade dos Oraculos revelados, mas tambem mostrar, porque modo chegaraõ até nós. *Fam vero Theologia est scire, & confirmare divinitus accepta esse que revelata feruntur; hoc aut illo modo fuisse illa hominibus tradita persuadere &c.* pag. 16.

O Author depois de dizer alguma cousa dos Prologomenos, isto he, das questoes preliminares, que se costumaõ tratar antes de entrar no Sanctuario da Theologia, ábre em fim as portas desta sciencia, que divide em Dogmatica, e Moral. Aqui mostra o modo, que se há de ter no estudo de huma, e outra, e pela ordem, que elle estabelece, determinando o lugar de cada tratado, forma hũ corpo completo de doutrina Theologica. A verdadeira Religiaõ, a unidade de Deos, a Trindade, os Anjos, o Homem, a Encarnação, e Redempção, a Gloria, a Graça, e os Sacramentos da Igreja são a materia dos dez tratados Dogmaticos. As regras geraes dos costumes, as obrigações para com Deos, para consigo mesmo, para com o proximo, para com a sociedade politica, os conselhos Evangelicos, os peccados, a prudencia, e aquillo, a que o Author chama *acção*, são o objecto dos outros dez tratados de Moral.

Não se pôde deixar de louvar o zelo, que o Author mostra para desterrar da Theologia tantas questoes frivolas, muitas vezes absurdas, e indecentes introduzidas na Theologia por gosto gotico. Confessa, que està hoje mais apurada, do que em outro tempo, mas que ainda tem necessidade de reforma. As suas reflexoes sobre os Sistemas, que elle julga absolutamente indignos de hum Theologo, são bem sensátas. Os que as inventáraõ, pertendêraõ por ventura explicar,

car, e aclarar a natureza dos misterios? Isto he impossivel. Qual tem sido o fruto do muito, que se tem trabalhado em França, e em outras partes para conciliar a efficacia da Graça com a liberdade? Dificuldades multiplicadas, divisoens funestas, guerras intestinas, odios reciprocos, injurias indecentes, que expoem a Religiaõ á zombaria dos impios. Tal he o effeito ordinario dos sistemas Theologicos, quando se seguem com demasiado ardor.

A terceira parte mostra as vantagens do methodo proposto pelo Author. Demora-se muito em provar a utilidade, e necessidade da ordem, e regra no modo de estudar, e ensinar as sciencias. Estabelece logo, que a Historia da Religiaõ deve ser separada do corpo da Theologia, e que se devem applicar á primeira antes de emprender o estudo da segunda. Esta pratica tem vantagens, que lhe parecem muito consideraveis, mas quer sobre tudo, q se aparte da Theologia tudo, o que pertence á Filosofia, e ao Direito tanto Civil, como Canonico. Passa logo á utilidade das regras, que descreve para a disposiçaõ dos tratados Theologicos, e acaba com os meios de fazer passar ás Escolas a pratica do seu methodo. Dezejava, que houvesse dous professores; hum dos quaes ensinasse o Dogma, e outro a Moral, e que senaõ admittisse ás liçoens de Theologia todo, o que naõ aprendesse antes os Prolegomenos desta sciencia. O Author comprehende sem duvida debaixo deste nome a Historia da Religiaõ, pois nos seus principios deve tambem este genero de estudo preceder o da Theologia. Naõ se póde negar, que esta obra, ainda que pequena, encerra projectos muito utis para facilitar os progressos dos estudos Theologicos; mas hum pouco mais de precisão, e de methodo, fazendo-a mais breve naõ diminuiria o merecimento della.

Metaphysica ad usum scholæ accommodata Auctore *Antonio Seguy*, Sacræ Facultatis Parisiensis Licentiato Theologo, atque in studii Paris. Universitate Philosophiæ Professore, docente in Collegio Marchiano. Isto he.

Tratado de Metaphysica accõmodado ao uso das Escolas por Antonio Seguy Professor de Filosofia no Collegio de la Marche. Pariz, na viuva Bordelet &c. 1758.

Nas obras do Chanceller Bacon se acha hũa bela idêa sobre a Metaphysica. As sciencias, diz elle, saõ como hũa Piramide, a Historia natural forma-lhe abase, a Fisica occupa o meio, e a Metaphysica a ponta, isto significa, q no curso dos estudos he necessario vêr os objectos, fazer experiencias, e reflectir sobre os Entes. Quan-

Quando Bacon dava esta lição, eraõ mui escarpados, e inacessiveis os degráus, por onde se subia para a Metafisica; porque se olharmos para os livros dos Metafisicos antigos, não podem deixar de nos causar tedio aquellas difusoens, subtilezas, e lingua barbara, de que se revestem, e compoem. A Metafisica da Escola he hoje muito melhor, he mais amavel, e mais communicativa, falla menos, e diz melhor. Assim o podemos julgar pelo presente livro.

O Abbade Seguy não faz mudança alguma na distribuição ordinaria: *Metafisica Geral*, ou *Ontologia*; Sciencia dos Entes considerados conforme os seus attributos geraes. *Metafisica particular*, *Pneumatologia*; Sciencia dos Espiritos, *Deos*, e a *Alma*: esta he toda a obra, da qual damos a conhecer aqui a primeira parte.

Principia-se pelos universaes: tratado, que sendo util por muitas razoens, embaraçava-se em outro tempo com huma disputa, que não era, como a contenda de Achilles, e de Agamenam, senão hũa bagatela famosa. Perguntava-se, v.g., se a Natureza humana he *humana*, ou *universal* em todos os homens; e devia revestir-se de furor, o que ou fiasse responder sim, ou não: pois a paixão da parcialidade apoderava-se dos contendentes, os quaes nas razoes Metafisicas passavaõ promptamente aos factos, e aos procedimentos fisicos; sendo as Escolas muitas vezes por este respeito transformadas em campos de batalha.

Se entre estes doutos Antagonistas se elevasse hum homem sensato, como o Abbade Seguy, acabaria a controversia com huma palavra. Distinguiria a unidade de similitude, e unidade de identidade: Diria no sobredito exemplo da natureza humana, que ella he humana, se entendemos, que todos os homens se parecem; e que não he hũa, se pertendemos, q̄ todos os homens são hũa mesma cousa. Assim fugiria o universal á *parte rei* para hir engrossar o catalogo das quiméras.

Os universaes são, como hum Tribu Metafisico, que se reparte a muitas familias. Ali se acha o Genero, o Ser, a Existencia, a Possibilidade, a Essencia, e a Substancia. Todas estas couzas não existem, senão pela operação do entendimento, cuja fecundidade he admiravel, pois fazendo abstracção das differenças, forma a idéa do Genero: considerando os objectos, como oppostos ao nada, forma a idéa do Ente: sentindo-se así mesmo, forma a idéa da Existencia: vendo a harmonia, ou ajuste, ou como dizem, a não repugnancia dos attributos, forma a idéa da Possibilidade: tomando, ou pegando no attributo principal, ou constitutivo de huma cousa, forma a idéa da Essencia: e descobrindo, que elle he o sujeito das suas proprias modificaçoens, e

que

que apezar das suas mudanças o seu estado persevera, forma a idéa da Substancia.

Aqui temos pois huma Paiz todo espirital, que parece deserto á vista, semelhante á Siberia, que não prodúz, senão gellos, e espessas nevoas; mas não nos espantemos, porque este Paiz esteril na apparencia tem suas riquezas, e tambem seus agrados. O nosso Author os descobre, e ao lado delle he, que devemos caminhar por esta região verdadeiramente solitaria. A utilidade desta jornada he ensinar á mocidade a ter a verdadeira idéa de cada cousa, a discorrer bem sobre as operaçoens do entendimento, a dissipar as trévas, que escurecem tão frequentemente os mais importantes objectos &c.

Chega-se em fim a hum termo bem essencial, que he o individuo. Se todos os Filozofos estivessem persuadidos, como o Abbade Seguy, que não há individuos no universo, evitar-se-hia bastante bulha nas Escolas, e bem trabalho aos discipulos. Dagoumer, por exemplo, dava a quasi todas as abstracçoens d a mente objectos reaes; estabelecia huma multidão de formalidades, que faziaõ huma sorte de mundo á parte, queria, v.g. que a Existencia fosse hum modo positivo accrescentado de mais á essencia da causa &c. Ora tudo isto he inutil, e não serve, senão de embaraçar este paiz intellectual. No mundo, digo outra vez, não existem *individuos*. A nossa mente pelo poder, que Deos lhe deu de tirar, de accrescentar, de comparar, de proporcionar, de distinguir &c. he, a que dá origem aos Entes transcendentos, metafisicos, universaes, abstractos &c.

Mas, o que se deve observar bem, he, que a existencia puramente ideal destes entes suppoem com tudo cousas muito positivas: ponhamos hum exemplo, diz o nosso Author, que a Substancia tomada em si mesma não he, senão hum nome abstracto, que não he cousa positiva, nem distincta dos attributos essenciaes do individuo: e isto he verdadeiro, pois não se imagina, como cousa existente, e positiva aquella especie de Ente, que seria commum ao espirito, e á materia, e serviria de fundamento aos attributos mais contradictorios &c. Semelhante sistema poderia parecer mui chegado ao Espinosismo; mas não he menos certo, que todo o individuo existente he huma cousa substancial, huma cousa positiva, hum Ente singular ornado dos seus attributos distinctivos: e esta verdade basta para authorizar o modo de fallar commum, aindaque não preciso, sobre a substancia.

Depois das discussões sobre o Individuo vem logo, as que pertencem á pessoa, á personalidade, e á subsistencia: artigos muito importantes

portantes por causa dos mysterios da Trindade, e da Encarnação. Seguem-se as Relações, Abstracções, Distinções, Modalidades, e Opposições; e deste ultimo termo entra-se no campo immenso do Infinito opposto ao Finito. Quantidade de Filósofos, ainda dos mais celebres pertendem 1. que o finito não he conhecido independentemente do infinito. 2. que a idéa só do infinito he positiva, e que a do finito he negativa. O Abbade Seguy toma o sentido contrario desta doutrina; confessando com tudo, que bem poderia não haver em tudo isto, senão hũa disputa de palavras. Dá elle a liberdade de ommittir estelugar de seu livro, dizendo, que bem se podem deixar as questões seguintes sem expôr a fortuna, nem a salvação.

O nosso Author entende por infinito, o que não tem fim, e por finito, o que tem hum fim; não se pôde imaginar cousa mais clara na apparencia, mais isto não impede o disputar-se sobre a idéa de fim, e de finito. He por ventura huma pura negação? He huma pura negação do infinito? He huma pura negação de termo ulterior? Para responder bem, he preciso tomar com o Abbade Seguy hũ Ente particular, hum individuo creado, v.g. huma braça, ou hũa vara. 1. o fim neste ente faz parte do todo, e he algũa cousa positiva: por consequencia não pode ser hũa pura negação. 2. nesta mesma medida o fim em quanto fim he huma negação de termo ulterior, mas he necessario dizer, ou que este termo he finito, porque se pôde sempre accrescentar á unidade; ou que não he finito, nem infinito, porque não se cuida, ou considera no ente em si mesmo, ou na medida, de que fallamos sem cuidar nem no finito, nem no infinito.

Em quanto á idéa do infinito segue o Author a negativa 1. porque não se representa o infinito, senão desviando os limites do finito; o que he prova do negativo. 2. porque não se pôde representar hum numero infinito, perfeições infinitas, relações infinitas sem comprehender o infinito; ou medir a sua extensão, o que de nenhũa sorte he concedido ao entendimento humano. Há muitas subtilidades contra esta opinão, em que o Author infiste demasiadamente, não servindo isto, senão de aguçar o juizo, fazer na Escola hum méro divertimento, e occupar algumas paginas de hum trado de Metafisica. Passamos em silencio os artigos, que tratao da causa, da Potencia, e do Acto para dizer alguma cousa da Duração do Tempo; duas especies de Entes mui difficis de conhecer-se.

A Duração não differe da Existencia, senão em tanto, que persevera, e esta he a sua verdadeira idéa.

Dizem muito bem, que a Succesão não he effencial á Duração. Haja com effeito Entes, que se conservem no seu estado sem variedade, sem alteraçãõ, e sem mutaçãõ qualquer, que seja, estes Entes durarãõ, e não haverã succesão algumas a respeito delles. Tal he por excellencia o Ente supremo: elle dura, he eterno, e não há succesão nelle. Não he assim o Tempo; a succesão entra necessariamente, no que o constitue; mas não he necessario imaginar hum ente fisico, hum objecto real, e substancial.

O Tempo he huma cousa abstracta, e ideal, todas as partes da qual se succedem, de sorte, que morrendo, ou passando huma a outra toma o seu lugar. Assim vemos, que he simplesmente a medida dos Entes fisicos em tanto, que elles se succedem, e estas sujeitos a mudanças. Não se pôde crer, que o que se chama *instante presente*, seja divisivel; se o fosse, como poderemos não reconhecer nelle hum passado, e hum futuro: e como, nesta hypothese, seria a elle presente? Por outra parte parece, que para a producção do *juizo* he necessario hum instante sem partes; porque de outra sorte essa operaçãõ da alma não seria simples. O Author accrescenta outras mais razoens, e esta questãõ he aqui tratada excellentemente. Tal he o caracter de toda esta Ontologia: da Pneumatologia, que trata de Deos, e da alma, fallaremos no leguinte numero de França.

F I M.